



Dauster (E) tenta amenizar clima de confronto criado por Matsumoto, mais agressivo que Reed

Credores insistem em não abrir mão de juro atrasado

Os bancos credores do Brasil querem receber a qualquer custo o pagamento dos juros atrasados da dívida externa brasileira que já chegam a US\$ 8 bilhões, sob pena de excluir o Brasil da comunidade financeira internacional. O recado curto e grosso foi dado ontem, no seminário sobre a dívida promovido pelo Senado Federal, pelos representantes de dois dos principais bancos credores privados do País — John Reed, presidente do Citicorp, e Eisho Matsumoto, vice-presidente do Banco de Tóquio, que representa os 14 bancos asiáticos no comitê assessor da dívida.

“O capital tem um valor muito alto hoje no mundo, porque há muitos que precisam dele para crescer, como é o caso dos países do Leste europeu”, alertou Reed, para quem é fundamental que o Brasil faça pelo menos um pagamento simbólico a seus credores antes do início das negociações. Matsumoto, seguindo a filosofia oriental, disse que “o Brasil não cumpriu os princípios da lealdade e da sinceridade” ao suspender o pagamento aos bancos. E foi além sem nenhuma diplomacia: “O governo brasileiro não deve esperar nem mesmo receber investimentos das empresas privadas japonesas” que poderiam se interessar pelo processo de abertura da economia do País.

Vindo diretamente de Tóquio, falando em japonês, Matsumoto surpreendeu os participantes do seminário pela agressividade, que

era esperada apenas de John Reed. O depoimento de Matsumoto provocou um grande frisson da platéia que comentava o recado curto e grosso do banqueiro. Afinal, o vice-presidente do banco japonês usou de um argumento direto na cobrança do dinheiro que acha ter direito: “O Brasil não pode judiar muito dos bancos, porque senão eles podem ficar como gatos escaldados com medo de água fria e ir buscar novos investimentos em outros países”.

México

O México foi o exemplo mais citado, tanto por Reed quanto por Matsumoto, de um país leal aos seus credores, e que, por esta razão, fechou um acordo considerado satisfatório pelos banqueiros. Apesar das graves dificuldades internas, Reed ponderou que os mexicanos não deixaram de pagar seus compromissos externos em nenhum momento. Na avaliação de Reed, este esforço já está sendo recompensado pelo crescimento da economia do país e pela volta de investimentos de organismos internacionais e do próprio Citibank. Matsumoto, que considerou “um sacrifício enorme” para os bancos japoneses o acordo com o México, deixou claro que o Japão não tem hoje interesse e confiança de voltar a investir nesse país.

O principal negociador da dívida brasileira, embaixador Jório Dauster, ante a agressividade do vice-presidente do Banco de Tó-

quio, tentou amenizar o clima de confronto, dizendo que compreendia a “impaciência de nossos amigos credores”, mas deu, em seguida, uma alfinetada nos banqueiros. “Quando os banqueiros tinham interesse em emprestar, nós não precisávamos pegar um avião e irmos atrás de créditos no exterior. Eles vinham até aqui”, destacou Dauster, ponderando, que a enorme dívida brasileira, que hoje chega a US\$ 120 bilhões, é de corresponsabilidade tanto do Brasil quanto de seus credores.

Reação

Um pouco mais tarde, durante a entrevista dos banqueiros aos jornalistas, Dauster pôs a diplomacia de lado e reagiu nervosamente à insistência dos dois credores em receberem um pagamento simbólico de juros. “Nós não somos uns irresponsáveis. O Brasil não paga aos credores porque não pode pagá-los. Em nenhum momento, porém, nós repudiamos a dívida. Se houver margem para um pagamento adicional, ele será feito, e os atrasados terão prioridade”, reagiu.

Os credores demonstraram que não têm nenhuma boa vontade com a proposta da ministra Zélia Cardoso de Mello, que convidou os 30 maiores bancos para conversas individuais, fora do comitê assessor. “Acho que este tipo de negociação é muito demorado. Nós temos urgência de uma solução e o ideal é a negociação dentro do comitê”, criticou Matsumoto.